

“Escola sem cor”, num país de diferentes raças e etnias

Este texto aborda a importância do tema relações étnico-raciais na escola. Como a experiência escolar reforça imagens estereotipadas e preconceituosas em seus/as estudantes? Como estes fatores contribuem para o fracasso escolar? Durante a leitura, procure levantar quais as potencialidades e as dificuldades na abordagem do tema levando em conta sua área de conhecimento e sua prática profissional.

A sociologia da educação tem demonstrado que a escola não pode ser pensada como um lugar separado da sociedade. Pelo contrário, ela é uma instituição social como outras e, neste sentido, é orientada pelas mesmas ideologias e

(...) a escola não pode ser pensada como um lugar separado da sociedade.

formas de relacionamento entre indivíduos e grupos que vigoram no seu entorno. Da mesma maneira, ela assume objetivos que, na sua definição mais ampla, são aqueles da própria

sociedade. Por isso, não seria possível discutir sobre etnocentrismo, preconceito e racismo sem nos dedicarmos a refletir sobre como e por que meios tais questões se projetam no cotidiano escolar.

Por outro lado, a sociologia da educação também aponta para o fato de que na sociedade moderna, em função da complexidade do nosso meio social e do grande acúmulo de conhecimentos, a escola tem a responsabilidade de desempenhar uma função que as outras instituições não são mais capazes de realizar sozinhas: a transmissão e a construção do conhecimento. Para isso, ela se organiza como um ambiente especial, em separado, no qual é possível suspender um pouco os nossos fazeres e dar trégua aos nossos pertencimentos sociais e ideológicos para nos exercitarmos em aprender a aprender. Também por isso a escola é o melhor lugar para discutirmos os temas deste módulo, e fazê-lo de maneira mais equilibrada, informada e compreensiva do que seria possível em outros ambientes.

Olhos azuis é um vídeo sobre o trabalho de uma professora americana que faz workshops com adultos sobre relações étnico-raciais. Sua intenção é proporcionar a pessoas de olhos azuis a vivência de sentir o que é ser discriminado, por um período de tempo determinado. Esse workshop provoca reações incríveis em seus participantes. No Youtube, o vídeo é dividido em 12 partes de cerca de 9 minutos. Para assistir a parte 2 do vídeo, que fornece uma introdução, acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=OwfUeMIGfdk&feature=related>. Para a parte 9, onde se encontram algumas cenas muito interessantes, acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=ywUhVu3pKg&feature=related>. Para assistir ao vídeo todo, basta buscar na página do Youtube os vídeos relacionados aos links acima.

O quadro que nos foi apresentado nas unidades anteriores e o debate que temos travado neste curso demonstram que, sem dúvida, vivemos num país racista, ainda que sem sucesso se procure disfarçar ou esconder o racismo, como nos provoca a **campanha “Onde você guarda seu racismo?”**.

A campanha “Onde você guarda seu racismo?” é uma iniciativa de 40 instituições da sociedade civil que têm promovido “Diálogos contra o Racismo” como forma de impulsionar e consolidar a igualdade racial em nossa sociedade. Você encontra mais informações no site www.dialogoscontraoracismo.org.br

Dessa forma, refletimos que seria impossível, ou no mínimo bem difícil, que a escola, enquanto instituição inserida nessa mesma sociedade, fosse privada das marcas do racismo, do sexismo e da homofobia. Ao analisarmos as práticas e

Na tentativa de ser “sem cor”, “transparente” e “neutra” a fim de não discriminar, a escola realizou o contrário: naturalizou desigualdades

as políticas educacionais, nós nos deparamos com uma tentativa de isenção. Ao fazer o elenco das variáveis que concorrem para o sucesso ou o fracasso das/os estudantes na escola, como a participação da família, o interesse das/os alunos, a estrutura física da escola, as condições de trabalho das/os educadores/as etc. – embora deixando de lado outras questões sociais, como as relações de gênero e a sexualidade – percebemos que a escola produziu uma visão distorcida e daltônica de seu público. Na tentativa de ser “sem cor”, “transparente” e

“neutra” a fim de não discriminar, a escola realizou o contrário: naturalizou desigualdades, fortaleceu a imagem de inferioridade de negros/as e indígenas e a de superioridade de brancos/as. Ao desejar olhar para o “ser humano em geral”, desumanizou, invisibilizou a maior parte de seus/suas estudantes.

Podemos dizer que a negação da diversidade étnico-racial no espaço escolar produziu alguns (de)feitos:

a) Evita-se falar de diferenças. Quando isto acontece, fala-se da diversidade, sem problematizar que para alguns grupos diversidade é sinônimo de desigualdade, de menores oportunidades. Assim, quando se aborda a diversidade étnico-racial, logo são incluídos os “muito desiguais”. São comuns falas do tipo: “Mas o gordo também é discriminado”; “o japonês”, “os pobres”, “as louras”, “os portugueses”..., relativizando as discussões étnico-raciais que, como vimos nas unidades anteriores, aparecem combinadas com todas as outras formas de discriminação.

b) Embora reconheçam a importância do livro didático na vida de seus/suas estudantes, este se configura muitas vezes como o único ou o principal **instrumento de estudo**. Além de sua distribuição oficial legitimar os saberes neles contidos, as visões estereotipadas ou preconceituosas que ali se apresentam não têm sido usadas como critério relevante no seu processo de escolha.

Sugestão de leitura: texto de Heloísa Pires Lima. “Personagens negros: um breve perfil da literatura infanto-juvenil”. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*.

c) Quando acontecem situações explícitas de discriminação étnico-racial através de xingamentos e agressões entre estudantes, responsabiliza-se a família: "O preconceito vem de casa!". Diante do reclamo do estudante negro que, por exemplo, foi chamado de "urubu" por um colega de classe, a falta de formação e de habilidade do/a educador/a para lidar com a situação leva-o/a, muitas vezes, a medidas não-problematizadoras da diferença, apelando para convicções como "Todos merecem respeito porque são filhos de Deus", ou "Deixa para lá! Qual o problema de ser negro? O importante é que você tem saúde".

d) A diversidade é entendida, exclusivamente, como diversidade cultural e assim apenas se faz presente nos sabores, nos sons e nas danças das Feiras Culturais, no Dia do Folclore, nas atividades artísticas das datas comemorativas. O Dia do Índio é um exemplo disto. A própria comunidade em que a escola está inserida não é trazida para dentro da escola como manifestação de multiplicidade.

e) A diversidade étnico-racial é tratada como questão do passado, de museu. Negros/as e indígenas aparecem como vítimas do Brasil Colônia; ainda assim, o "feitor", o "vilão", não existe ou não tem cor, raça ou etnia.

f) Quando a discriminação vira assunto, na maioria das vezes é tratada como um problema do discriminado, sem que sejam incluídos os discriminadores. A questão étnico-racial acaba sendo discutida como assunto de negros e, algumas vezes, de indígenas. Não se debate sobre relações raciais. O "branco" e outros grupos étnicos que se relacionam com negros e indígenas não aparecem. Seriam "transparentes", "sem cor".¹

Estamos convencidas/os de que se, por um lado, a escola não pode ser a única responsável pelas transformações na sociedade, por outro, essas transformações sem ela não virão.



Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato nas muitas aventuras do Sítio do Picapau Amarelo.

¹ Estas características fazem referência a: SANTOS, Isabel Aparecida dos Santos. "A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial". In: CAVALLEIRO, E. (org.). *Racismo e anti-racismo. Repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. pp.97-114.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a escola é um espaço privilegiado para a promoção da igualdade e a eliminação de toda forma de discriminação e racismo, por possibilitar em seu espaço físico a convivência de pessoas com diferentes origens étnico-raciais, culturais e religiosas. Além disto, sua atuação é intencional, sistemática, constante e obrigatória.

Dica de vídeo: veja a cena de “Vista minha pele” (CEERT), no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=4s3KwWN5Dbc>, que surpreende ao inverter a situação atual de negros e brancos no Brasil.

À escola cabe refletir, portanto, sobre algumas questões: Como a experiência escolar reforça imagens estereotipadas e preconceituosas nos/nas estudantes? Como estes fatores contribuem para o fracasso escolar? Como a escola se contrapõe, vai na contramão e oferece possibilidades para que crianças, adolescentes e jovens negros/as e indígenas construam uma justa imagem de si mesmos/as? Estas são perguntas que devem orientar o olhar não só sobre o livro didático e o currículo escolar (implícito e explícito), mas também sobre todas as relações que são instituídas na escola, ao mesmo tempo em que a instituem: entre alunas/os; entre alunas/os e professoras/es; entre professoras/es; entre estes/as e a direção; finalmente, entre a escola e a comunidade do seu entorno imediato.